

Corpo e imigração na literatura

Body and Migration in Literature

Tatiana Salem Levy¹

Começo esta apresentação fazendo uma homenagem a Marília Rothier Cardoso, falecida no último dia 30 de julho. Marília foi minha orientadora de doutorado na PUC-Rio e foi das pessoas mais incríveis que conheci. Ela tinha uma aparência frágil, o corpo que parecia fraco, curvo, muito curvo, o cabelo cacheado todo branco, um jeito lento e fechado de caminhar e, ao mesmo tempo, era uma mulher forte, corajosa, ousada, consistente, generosa e transgressora. Havia sempre fila para ser orientado pela Marília, porque ela se doava a cada orientando, lia e relia os textos com o lápis na mão, sublinhando e comentando tudo.

Em 2005, meu projeto de doutorado consistia, de forma muito resumida, em estudar o corpo dos imigrantes na literatura, em especial em autores como Samuel Rawet, Elisa Lispector, Margo Glantz e Sebald. Fui percebendo, a partir da leitura de certos textos, como aqueles que deixavam suas terras, muitas vezes porque não tinham opção, perdiam a capacidade de narrar as suas histórias com as palavras, mas não com o corpo. Ombros curvos, paralisias, afonia, todo um rol de sintomas que contavam sobre uma vida de ruptura, de dor.

Paralelamente, eu escrevia, nesse mesmo ano de 2005, meu primeiro romance, *A chave de casa*, com o qual a pesquisa dialogava. A narrativa partia da história da minha família – marcada pela expulsão de Portugal, durante a inquisição; a imigração, séculos depois, para o Brasil, quando a Turquia se tornou um Estado republicano; e o exílio dos meus pais em Portugal, durante a ditadura militar brasileira. Meu interesse era investigar como esses deslocamentos, ora obrigatórios, ora opcionais, se tornavam traumas intergeracionais, ou seja, traumas herdados pelas gerações seguintes. Quando há um silêncio, quando os traumas não são nomeados, eles acabam surgindo como sintomas físicos. O escritor alemão Sebald tem uma

¹ Universidade NOVA de Lisboa.

* Texto revisado da conferência de abertura do VI SILLPRO, apresentada no dia 16 de setembro de 2025, intitulada "Sobre corpo paralisado e corpo errante: algumas considerações sobre literatura e imigração".

coleção de personagens que, sem conhecer a história dos pais ou dos avós, manifestam questões corporais que terminam por os levar em busca do passado.

Também a protagonista do meu primeiro romance faz essa viagem de busca, saindo do Rio de Janeiro para Esmirna, na Turquia, à procura da casa do avô, depois de ter recebido dele a chave da sua casa. Então, em 2005, eu tinha essas duas investigações em curso: a da ficção que eu escrevia, para entender meus traumas familiares, e o da ficção que eu lia, para estudar como esses traumas relativos a deslocamentos apareciam na prosa de diferentes autores.

Comecei a perceber que a literatura retratava as dificuldades de ser estrangeiro, de ser imigrante, de ser exilado – e não apenas o caráter livre e criativo dessa condição, tantas vezes evocado na teoria e na filosofia. Afinal, o exílio e a imigração têm uma faceta bastante dura, que encontra prisões, impossibilidade de movimento, de compreensão. A escrita, a busca pela palavra, constitui, assim, uma tentativa de saída dessa prisão.

Agora, voltemos à Marília Rothier, que, como eu disse, era uma professora ousada e me propôs: “Entrega o romance como tese”. Respondi: “De jeito nenhum”, depois hesitei e disse que iria pensar. Não demorou muito para eu entrar com ela na transgressão. As pessoas acham que a ousadia de ter defendido um romance como tese é minha, mas nunca foi. Até o fim, foi da Marília. Até o fim, mesmo depois de ter embarcado na proposta, eu vacilei, sempre insegura – mas a Marília estava lá para me dar a mão e me empurrar em frente, afirmando que um romance também é uma produção de conhecimento. Conosco, tínhamos a Rosana Khol Bines, que fala amanhã neste seminário, e que foi a minha co-orientadora. Eu a convidei quando decidi trabalhar com Samuel Rawet, cuja obra ela conhece tão bem. Ela também embarcou na ideia do romance-tese.

Se o empurrão da Marília foi fundamental para eu assumir o meu desejo, também acabou por ser um empurrão para fora da universidade. Primeiro, porque com este livro consegui começar a me afirmar como escritora; segundo, porque a defesa foi tão dura que eu saí dela sem a menor vontade de continuar na vida acadêmica. Precisei de doze anos para voltar, em 2019, como investigadora na Universidade NOVA de Lisboa. E quando voltei eu era duplamente estrangeira: em Portugal, desde 2013, e na Universidade, de maneira geral. São dois lugares que me fazem sempre pensar: não sou daqui.

O que proponho aqui hoje, e que segue como homenagem à Marília, é um texto híbrido, dividido em duas partes. Na primeira, revisito algumas das questões que estudei na narrativa de Samuel Rawet. Na segunda, caminho por Lisboa como escritora-imigrante, em meio ao luto da morte do meu pai, ocorrida um ano antes da morte da Marília.

Parte 1: Sobre corpo paralisado e corpo errante em Samuel Rawet

Samuel Rawet tinha sete anos quando sua família emigrou da Polônia rumo ao Brasil. Devido à perseguição aos judeus iniciada em 1881, com os *pogroms* russos, inúmeras famílias judias tiveram que abandonar seu lar e construir uma vida nova em outro país. Os judeus da Polônia – o caso da família Rawet – acabaram aderindo ao fluxo migratório das famílias russas, pois eram igualmente excluídos da vida nacional. Em sua maioria, os emigrantes dessa região procuraram a América como destino, principalmente os Estados Unidos, a Argentina, a Colômbia e o Brasil.

Rawet nasceu no dia 23 de julho de 1929 numa cidade pequena, chamada Klimotow, na Polônia. Em depoimento a um jornalista brasileiro, diz ele: “Minha família não era nem camponesa, nem pequeno-burguesa. A cidadezinha onde nasci era praticamente de judeus poloneses, e meus pais eram judeus de pequeno comércio, muito pobres. Eu tinha uns quatro anos quando meu pai veio tentar a vida no Brasil, e nós ficamos lá, esperando. Com sete anos, eu vim para cá” (Rawet, 1972)². Em Klimotow, Rawet frequentava a escola – que funcionava ao lado da sinagoga –, onde aprendeu o iídiche, sua primeira língua. Do hebraico, aprendeu muito pouco, apenas as rezas.

Esse ambiente característico dos judeus da Europa Oriental, em particular nos *shtetlach*, centrada em torno da sinagoga e da casa de estudos, teve grande influência na obra de Rawet. Embora sua grande preocupação fosse se afirmar enquanto escritor brasileiro, sem a marca de uma cultura que o tornava diferente, ele mesmo chegou a assumir a importância do judaísmo em seu pensamento. Diz ele:

Tenho lembranças da vida na aldeia, lembranças do inverno, da vida religiosa, da convivência com parentes, lembranças inclusive de um mundo que não existe mais, e que mais tarde passou a me interessar por ser um mundo – não sei bem localizar – talvez da Idade Média, ou do século XVIII ou mesmo XVII. Um grupo judaico que se organiza em determinada região, mesmo quando a religião não tem um caráter muito forte, possui mais um sentido de tradição. Por isso, alguns detalhes da vida do dia-a-dia, ligados ao nascimento, a qualquer formalidade da vida civil, me marcaram muito. Só muito tempo depois é que fui dar importância àquilo que estava ligado a um movimento que Martin Buber andou estudando – o Hassidismo – um movimento

² RAWET, Samuel. Depoimento a Flávio Moreira da Costa. *Correio da Manhã*, 18 jun. 1972.

religioso da Europa Oriental, e que chegou a ter uma importância enorme para mim, filosófica inclusive. (1972)

Entre o cá e o lá, o Brasil e a Polônia, o ateísmo e o judaísmo, Rawet acabou se afirmando no cenário cultural brasileiro como um escritor entre duas culturas, tendo sido o primeiro brasileiro a tratar ficcionalmente da imigração judaica – com o livro *Contos do imigrante*, sua estreia literária. Em sua obra, Rawet mostra como o ato de emigrar, embora sedutor, constitui uma difícil decisão que fragmenta as bases fundamentais dos vínculos humanos: a família e a comunidade de origem. O contraponto entre o lado positivo da imigração – a possibilidade de estabelecer uma vida nova – e o negativo – as inúmeras perdas – aparece na obra de Rawet como marcas nos corpos dos personagens. Essas marcas se dão ora na forma de errância, ora na forma de paralisia.

O que me interessou analisar na sua narrativa foi a expressão da diáspora e da imigração, contrapondo a figura do errante à do personagem cujo corpo é rígido, inerte, dono de um “sofrimento triturado”. As duas figuras estão presentes em sua obra repetidamente, seja no personagem Ahasverus, seja no imigrante do conto “O Profeta”. São duas figuras aparentemente contraditórias, mas talvez se possa pensar que são uma e a mesma figura, que aquele que caminha é também aquele que paralisa, ou, em outras palavras, que a condição judaica da errância eterna pode levar também à inércia, à rigidez, à paralisia. É o que se pode perceber, por exemplo, no conto “A Prece”, quando o narrador afirma: “Em meio à vibração, Ida parada junto à janela, perdida, sem língua, sem voz. Enfiada numa vida que nunca fora sua. O corpo todo ainda doía da andança. Subir e descer ruas, escadas, bairros. Andar. E estar só. Ida sentia um cansaço inundar-lhe a alma”³.

A obra de Samuel Rawet mostra como as marcas da imigração continuam presentes mesmo depois de anos, mesmo depois da assimilação e da aparente integração do imigrado. Estar diante do Outro implica uma dor inevitável, a dor da infinita distância entre o Eu e o Tu. Mas é também o contato com o Outro que permite uma abertura à criação, à escrita.

Em seu livro *Body Work*, o crítico inglês Peter Brooks analisa como a narrativa moderna produz o que ele chama de semiotização do corpo ao mesmo tempo em que ocorre uma somatização da história. O corpo constitui assim uma fonte e um lugar do significado. Ele não se encontra na narrativa à toa, mas, ao contrário, condensa seu sentido. Marcar o corpo implica

³ RAWET, Samuel. *Contos do Imigrante*. 3ª ed. Ediouro: Rio de Janeiro, 1991. p. 34.

transformá-lo em escrita, em corpo literário, narrativo, fazendo dele um lugar da significação – da inscrição das histórias –, mas também um significante, agente constituinte da narrativa.

Ao analisar o corpo na obra de Rawet, parto do princípio de que o corpo é escritural. Os corpos de seus personagens inscrevem os dramas vividos por aqueles que se veem confrontados com outra cultura, outra língua, outra tradição. Em seus contos e novelas, Rawet apresenta o corpo como eixo de significado, pois é a partir de gestos – geralmente contidos – e descrições físicas, que ele narra o que não é dito. Muitas vezes, o personagem não tem voz – seja porque não sabe a língua de seu novo país, seja porque não tem com quem dialogar –, mas se expressa através de seu corpo. O personagem do conto “O Profeta” “respondia às perguntas em assalto com gestos, meias-palavras, ou então com o silêncio.” (Rawet, 1991, p. 24). No conto “Judith”, a protagonista se vê impossibilitada de conversar com a irmã: “E em seu interior um fio entupindo a laringe, enrolando-se na língua, e prendendo-se nos interstícios dos dentes que cismavam em se pressionar mutuamente, como a medo, para que não escapem coisas não sabidas” (Rawet, 1991, p. 41).

Os imigrantes têm, nos textos de Rawet, corpos rígidos, duros, que em geral não saem do lugar. Mas se não saem do lugar no presente é porque algum dia foram obrigados a isso, foram postos a caminho, deixando “uma existência inteira atrás” (Rawet, 1991, p. 34).

Samuel Rawet também representou a figura do judeu errante em seus textos, principalmente na novela *Viagens de Ahasverus à terra alheia em busca de um passado que não existe porque é futuro e de um futuro que já passou porque sonhado*, no qual ele retoma o mito cristão de Ahasverus, o judeu que, por ter zombado de Cristo, foi condenado à errância perpétua. Aqui, o personagem central é um eterno solitário a caminho, sem rumo definido.

Ahasverus perambula por todos os cantos do planeta, vai de Haifa ao Rio de Janeiro, passando por Paris; por todos os tempos, transitando da Inquisição na Península Ibérica a hoje, e sob as formas humanas mais variadas, falante de toda e qualquer língua. “Conversar em metamorfose. Ahasverus nunca teve problema de línguas. Chegava, inspirava, expirava, lançava à cesta as gramáticas, e saía falando propositadamente errado” (Rawet, 1991, p. 17). Ahasverus não consegue se lembrar exatamente de onde vem, quem é e “nem mesmo se havia nascido”, mas entre uma metamorfose e outra, “lembrou-se do seu nome, e reconquistou seu corpo” (Rawet, 1991, p. 17). O nome é o que lhe dá o corpo. Mas como ele o esquece constantemente, está sempre a se metamorfosear, transitando entre o espaço e o tempo: “Tinha passado? Tinha futuro? Em que terra estava?” (Rawet, 1991, p. 23).

Ahasverus é, assim, um personagem ao qual poderíamos chamar de “livre”, pois tem todas as possibilidades de existência à sua frente. No entanto, essa abertura total, ao invés de

lhe trazer felicidade, traz-lhe tristeza e angústia. Diz o narrador: “ficou surpreso ao descobrir que davam tanta importância a um sentimento que de tão familiar lhe era agradável: a *angústia*” (Rawet, 1991, p. 18). A leitura da novela vai nos mostrando que a errância do personagem constitui um verdadeiro aprisionamento, pois ele não consegue parar num único tempo e espaço e não consegue manter fixo seu nome (seu corpo). Ahasverus foi condenado à eternidade. Condenado ao exílio. Ele se move tanto que “nem mesmo a referência do móvel tem mais” (Rawet, 1991, p. 26). E por isso a angústia lhe é tão familiar. De tanto se metamorfosear, de tanto caminhar sem meta, “o corpo todo lhe doía” (p. 39).

O personagem da novela de Rawet, além de estar sempre caminhando, tem um corpo em ebulição, um corpo exaltado, sempre a explodir. No entanto, é esse corpo a caminho que sente dores, que “retesa todas as fibras do corpo”. No ensaio *Eu-Tu-Ele*, diz Rawet: “Quando uma ideia é repelida pelo indivíduo que a tem, quem repele a ideia é o corpo. E não encontro em nenhuma teoria o nexo entre a ideia e o corpo. Que valor tem um pensamento se não está vinculado a um corpo?”⁴. Neste texto, o autor desenvolve uma análise eidética na qual o corpo é a própria possibilidade da ideia. O que ele busca é um “pensamento não-conceitual vinculado à capacidade que tem o corpo de pensar” (Rawet, 1972, p. 44). Tudo o que acontece, acontece no corpo: “é este o limite do sonho, um corpo situado”, diz ele (Rawet, 1972, p. 54).

Se Rawet dá ênfase ao personagem errante, ele também explora o corpo paralisado. Os imigrantes e solitários de *Contos do Imigrante* e *Diálogo* têm sempre um músculo retesado, uma língua presa ou, o que é ainda mais comum, a cabeça baixa, apoiada nos punhos cerrados. Algo no corpo deles diz que não é mais possível sair do lugar.

No conto “O Profeta”, o personagem central é um sobrevivente do Holocausto que, tendo perdido sua família durante a guerra, veio tentar reconstruir a vida ao lado do irmão, que havia imigrado anteriormente e construído sua família no Brasil. O Profeta, assim apelidado por causa de sua figura de “barba branca e o capotão além do joelho” (Rawet, 1991, p. 23), instala-se na casa do irmão, mas sem conseguir falar o português, mergulha numa solidão aterradora. “A barreira da língua, sabia-o, não lhe permitiria mais nada” (Rawet, 1991, p. 24). De início, como se fosse um bicho estranho, era devorado pela curiosidade dos anfitriões: “Nas primeiras semanas houve alvoroço e muitas casas a percorrer, muitas mesas em que comer, e em todas revoltava-o o aspecto de coisa *curiosa* que assumia” (Rawet, 1991, p. 25). Com o tempo, passada a curiosidade, ele se encontrou sozinho, encarcerado em monólogos para si próprio.

⁴ RAWET, Samuel. *Eu-Tu-Ele*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972. p. 24.

Vindo não apenas de uma cultura completamente diferente, mas sobretudo de uma experiência traumática, o Profeta não conseguia se adaptar à nova realidade. Falar, era-lhe impossível. Afinal, como descrever o horror? Mas esquecer era igualmente impossível. Jogado no abismo entre a impossibilidade da representação e a impossibilidade do esquecimento, o Profeta sentia apenas que aquele não era o seu mundo. Diz o narrador: “Esquecer o acontecido, nunca. Mas como amesquinhá-lo, tirar-lhe a essência do horror ante uma mesa bem-posta, ou um chá tomado entre finas almofadas e macias poltronas?” (Rawet, 1991, p. 25). As experiências eram muito contraditórias e até o irmão, que viera da mesma cultura, não podia entender a sua dor: “a sensação de que o mundo deles era bem outro, de que não participaram em nada do que fora (para ele) a noite horrível, ia se transformando lentamente em objeto consciente” (Rawet, 1991, p. 26).

Numa tentativa de se aproximar do outro, o personagem decide um dia narrar o horror. Mas é então que a distância cresce. A princípio, há curiosidade e lágrimas nos olhos das mulheres, mas logo tudo se torna enfadonho para os ouvintes, que se cansam de ouvir suas histórias. “Por que nos atormenta com coisas que não nos dizem respeito?”, perguntam-lhe certa vez. E então só lhe resta emudecer, calar-se de vez, colocando-se “numa situação marginal”. E, calado, ele “retesa todas as fibras do corpo”. Não lhe resta energia, seu corpo se curva porque não pode se dirigir ao outro. No navio que o levaria de volta à “companhia de semelhantes”, ele se encontra na posição que conclui o conto: “Novamente os punhos cerrando e trançando, as têmporas apoiadas nos braços, e a figura negra, em forma de gancho, trepidando em lágrimas” (Rawet, 1991, p. 30).

Essa posição – a cabeça baixa apoiada nos punhos cerrados, formando o desenho de um gancho – se repete constantemente na narrativa de Rawet. O corpo do personagem se volta sobre si mesmo, marcando sua solidão, sua incomunicabilidade. A pretendida expansão diante do outro se reduz a um confinamento, uma vez constatada a distância infinita entre o Eu e o Tu. A curvatura da cabeça se dá depois de constatada a impossibilidade de transpor a barreira entre o personagem e os outros. A não aceitação por parte do grupo social de sua alteridade, de sua diferença, faz com que ele se curve, paralise, não saia do lugar.

Em outro conto, “Réquiem para um solitário”, o narrador mostra um personagem que, mesmo tendo construído uma família e raízes em sua nova terra, sente-se eternamente sozinho. Em determinado momento, ele descreve: “Cotovelos fincados na ponta da mesa, o rosto encaixado na palma das mãos, mirava a mulher sem perplexidade. Silêncio maciço entre os dois” (Rawet, 1991, p. 58). Em “Diálogo”, lemos a seguinte cena: “O velho senta-se mas tem

no rosto um travo de pesar, acende um cigarro, apoia o cotovelo sobre a cômoda, e a cabeça no punho cerrado. Mas não há reflexo em suas pupilas. Baixara as pálpebras” (1976, p. 14).

É curioso observar que Kafka também utiliza em sua obra a figura de uma pessoa com a cabeça baixa, só que em vez de apoiada nos cotovelos, encostada ao peito. Em *O Castelo*, K. descobre o retrato de um porteiro com a cabeça inclinada, o queixo afundado no peito. Em *Kafka: por uma literatura menor*, Deleuze e Guattari entendem a cabeça inclinada como “um bloqueamento funcional, uma neutralização do desejo experimental – o intocável, o proibido, [...] como aquele desejo bloqueado pelo telhado ou pelo teto” (Deleuze; Guattari, 1986, p. 23)⁵. A cabeça inclinada constitui assim um desejo neutralizado, com um mínimo de conexão, marcando uma territorialidade. No entanto, os filósofos franceses encontram em Kafka uma saída para esse bloqueamento, uma espécie de oposição, que é a cabeça levantada, que quebra o telhado ou o teto. Esses dois elementos, juntos, teriam a função de movimentar os desejos, de desterritorializar.

É curioso que Kafka, que também era judeu e falante do iídiche, tenha explorado figura tão parecida com a de Samuel Rawet. Só que na obra do escritor brasileiro a cabeça não levanta, está sempre inclinada, num movimento de enclausuramento. Isso porque o personagem esbarra o tempo todo com a fronteira que o separa do outro, do diferente. Diante de tanto estranhamento, o imigrante, muitas vezes depois de frustradas tentativas de assimilação, termina por se fechar em si mesmo, mantendo-se como o eterno solitário.

A análise do corpo do imigrante em Rawet nos ajuda assim a entender como a tão aclamada errância pode muitas vezes resultar numa paralisia, ou seja, que o corpo que se desloca é também o que paralisa e não consegue sair do lugar. Segundo Jean-Luc Nancy, o corpo é o *absoluto* do sentido. Não vem antes nem depois dele, mas constitui o próprio sentido, ou seja, aquilo que deve ser “exposto e tocado”. O corpo é o ser-exposto do ser, diz Nancy em *Corpus*. E ainda: “Escrever, ler: matéria de tato”. O corpo toca, promove a experiência. E, por ser do campo da experiência, nunca deixa de se contradizer. Ora ferida, ora cura; ora movimento, ora paralisia, assim se expõem os corpos nos textos de Samuel Rawet.

Finalizo aqui as minhas considerações sobre Samuel Rawet e retomo a voz experimental que começou a ganhar forma durante a minha estadia em Paris, com uma bolsa sanduíche. Poucos dias depois de ter chegado à nova cidade, onde morei durante dois anos, Marília me escreveu este breve e-mail, no dia 25 de novembro de 2004:

⁵ DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Kafka: por uma literatura menor*. Brasiliense, São Paulo, 1986. p. 23.

Tatiana,

O "sobre o que é a tese" vai surgindo com o tempo. Creio que a desorientação do início, no meio da instigante bibliografia francesa, é até salutar (ainda que um pouco incômoda). Não se preocupe. A própria economia de seu corpo, que acaba de ser transplantado para outros ares, vai, aos poucos, indicando.

Continue mandando notícias.

Beijos da Marília

O romance sobre a imigração da minha família foi escrito enquanto eu mesma era imigrante. Voltei para o Brasil em 2006. Sete anos depois, voltaria a emigrar, dessa vez para Lisboa, de onde falo hoje. Recentemente, escrevi um texto sobre caminhar na cidade durante um luto, e é ele que vou ler para vocês agora, mudando completamente o registro da escrita até aqui.

Vamos a isto, diriam os portugueses.

Parte 2 : Volta pra tua terra!

Me mudei para o Bairro das Colônias quando meu filho tinha dois meses, no primeiro dia de fevereiro de 2015. Eu havia chegado a Lisboa dois anos antes e vivido no Bairro Alto, em Santos e no Bairro das Estacas. Mais de três décadas antes, entre janeiro e setembro de 1979, eu havia morado na Travessa da Fábrica dos Pentes, ao pé do jardim das Amoreiras. Essa foi a minha primeira casa. Nela, as minhas primeiras fotografias, comendo morango amassado e Cerelac, tomando banho de sol, no colo dos meus pais, dos seus amigos portugueses, dos seus amigos brasileiros, e ao lado de outros bebês que, como eu, haviam nascido no exílio da ditadura militar.

Na primeira entrevista que dei na vida, para Isabel Lucas, na altura jornalista do *Diário de Notícias*, afirmei: “De tanto dizer que nasci aqui, Lisboa virou minha”. Isso foi em 2007. Em 2025, depois de doze anos vivendo na cidade, com dois filhos portugueses, jamais diria que Lisboa é minha, que virou minha.

“Ah, no Bairro das Colônias, claro...” Mesmo que o Brasil não faça parte das ruas do bairro, ouço essa frase repetidas vezes, sempre num tom brincalhão, um sorriso no canto da boca de quem a pronuncia, como se eu precisasse ser lembrada de que vim de uma antiga colônia. De que não sou daqui. De que daqui são os que realmente são daqui, os que falam português de um determinado jeito, que têm família em alguma terra e, na maior parte dos

casos, parentes em outro país. Demorei para aceitar isso, até que um dia deixei de estranhar. Eu era, sou e serei sempre uma portuguesa estrangeira.

Passei a olhar para a cidade onde nasci como se ela fosse e não fosse minha. Eterna transeunte, passageira, aprendiz. Eu me perco em Lisboa como jamais me perderia no Rio de Janeiro. Muitas vezes, nem sei voltar para casa. Preciso perguntar ao Waze, se estiver no carro de alguém; ao Google maps, se estiver a pé. Há muito desisti de ser uma moradora que conhece a cidade como a palma da mão, talvez até ache certa graça em me descobrir tão perdida. Uma reação à cidade que me acolhe, mas não me acolhe, que me aceita, mas não me aceita. Todos os dias, a lembrança: sou, mas não sou daqui.

Foi meu pai quem me ensinou a falar com os mortos. Cresci ouvindo-o falar com a mãe, com o pai. Inventava histórias: a avó Dina se separou do avô Jacques, agora tem outro namorado e está percorrendo o mundo num veleiro... Assim, os avós que nunca conheci povoavam a minha casa, não só com suas histórias passadas, mas também com suas histórias presentes, personificadas na voz do meu pai. Volta e meia ele gritava: Mãaae, pelo corredor do apartamento da rua Sacopã, na Lagoa, antes de começar uma conversa que, vista de longe, parecia de louco. Não me lembro de o meu pai fazer a barba sem falar com a sua mãe.

Depois que a minha partiu, demorei muitos anos para conseguir falar com ela em voz alta. Ia falando na minha cabeça ou nos meus escritos. Até o dia em que a voz saiu: Mãe, e lhe contei que eu tinha vindo morar em Lisboa, onde ela havia morado, onde eu havia nascido. De onde a minha família, judia sefardita, havia sido expulsa séculos antes. Onde um tio-avô é nome de rua. Fui-lhe dizendo que meu filho tinha nascido no mesmo bairro que eu, que a minha filha tinha o nome da sua melhor amiga daqui. E tenho certeza de que ela sorriu.

No quarteirão onde vivo, há uma tasca portuguesa muito antiga, onde muitas vezes deixo sacolas das crianças para o pai pegar; há uma mercearia onde trabalha um paquistanês, que, depois de anos, conseguiu trazer a mulher e o filho para cá; e há ainda uma frutaria, cujos donos são chineses, que atraí gente de toda a região pelos preços baixos.

Um dia, andando na rua com meu filho e um amigo, este me perguntou: por que o Vicente fala com todo mundo?

Das qualidades do meu filho, esta é das que mais me comove: ele sai na rua falando com crianças, adultos e idosos, perguntando: Olá, como vai? Teve um dia bom? A conversa segue, e eu, que muitas vezes tenho pressa, preciso reaprender a estar na cidade, parada, à sua espera.

Tem gente que entende com a razão que não se deve, jamais, tratar mal uma pessoa pela cor da pele, pela origem, pela classe social. Vicente entende com o corpo, com o coração, com a pele. Não sei explicar, só sei ver.

Em três dias, vai fazer seis meses da morte do meu pai. Do telefonema que eu sempre soube que viria, a voz da minha irmã anunciando: papai morreu. Não dessa forma serena, mas atravessada por um choro impetuoso, um desespero que eu imaginava fazê-la tremer. Quando acordei da sesta, vi no telefone várias ligações perdidas e uma mensagem: irmã, o papai, é urgente. Devolvi a ligação sabendo do que se tratava e nem por isso deixei de me assustar.

Desde então, caminhar por Lisboa ganhou outro sentido – ou, talvez, pelo contrário, tenha perdido todo sentido, tenha se tornado um movimento mais errante. A morte me torna observadora da vida, como se também eu morresse um pouco, suspensa no tempo e no espaço, e passasse a ver o mundo de fora, desse lugar onde estão os meus avós e os meus pais, de onde me chegam apenas as vozes. Como se o mundo fosse visto pelo sussurro.

E, assim, enquanto caminho, a cidade deixa de se configurar como um espaço com linhas precisas e ganha ela própria uma imaterialidade.

A morte do meu pai acentua o sentimento de estar no limbo, o ser e não ser daqui. Não só de Lisboa, mas da terra, do mundo.

Fui para o Brasil com nove meses de idade.

No meu álbum de bebê, tenho várias fotos em frente ao mosteiro dos Jerônimos.

Na primeira vez que voltei a Lisboa, eu tinha onze anos. Em frente ao mosteiro dos Jerônimos, a minha mãe tirou uma foto minha.

Na segunda vez que voltei a Lisboa, eu tinha vinte e seis anos. Em frente ao mosteiro dos Jerônimos, a minha irmã tirou uma foto minha.

Na terceira vez que voltei a Lisboa, eu tinha vinte e sete anos. Em frente ao mosteiro dos Jerônimos, o meu namorado tirou uma foto minha.

Na quarta vez que voltei a Lisboa, eu tinha vinte e oito anos. Em frente ao mosteiro dos Jerônimos, o meu editor tirou uma foto minha.

Também tenho fotos em frente ao mosteiro dos Jerônimos com vinte e nove, trinta e trinta e dois anos.

Com trinta e três, me mudei para cá. E nunca mais fiz uma foto em frente ao mosteiro dos Jerônimos.

Meu pai repetiu a vida toda: quero morrer dormindo, em casa. Na sua última noite, pediu à cuidadora para se sentar ao seu lado no sofá. Repousou a cabeça no seu ombro e adormeceu, indiferente à tristeza que chegaria na manhã seguinte.

No Uber, o motorista brasileiro me conta como sua vida está prosperando, já tem três automóveis. Os outros dois são conduzidos por motoristas dos nossos. Dos nossos?, pergunto. Sim, brasileiros. Não deixo meus carros com esse pessoal do Bangladesh de jeito nenhum. Eles não gostam de trabalhar, transportam objetos pessoais, fazem mudanças, sujam tudo, dirigem como se estivessem na Índia, afirma ele, antes de me dizer que nunca trabalhou com nenhum deles, mas foi alertado por muita gente.

O prédio onde vivo foi construído em 1932 e, durante oitenta anos, pertenceu a uma única família. Em 2013, ele está caindo aos pedaços quando o proprietário decide vender a um preço hoje inimaginável dois apartamentos e, com o dinheiro, reforma toda a estrutura do edifício. Em 2015, quando me mudo, somos três famílias num prédio de nove apartamentos. Sou a única estrangeira.

Em 2017, o proprietário consegue expulsar os senhores portugueses que vivem há décadas no terceiro andar, e eles voltam para a sua terra.

Em 2018, quando estou grávida da minha filha, a senhora do primeiro piso decide viver no campo e vende seu apartamento para um casal de franceses. Ele vive em Portugal há muitos anos e tem dois filhos portugueses. Ela é filha de imigrantes na França e decidiu retornar para seu país de origem.

Em 2018, há obras totais em seis apartamentos. Eu me mudo temporariamente para ter a minha filha em paz. Passo seis meses em Xabregas, com uma vista deslumbrante sobre o Tejo.

Quando enfim as obras terminam, tento povoar o condomínio com amigos: uma psicanalista portuguesa no terceiro piso, uma família da escola do meu filho no rés de chão direito e uma família de amigos brasileiros no primeiro esquerdo.

Em 2020, quando a pandemia chega e ficamos todos confinados, juntamos as crianças no jardim do prédio e fazemos atividades com elas. Os franceses não gostam.

Em 2020, quando a pandemia chega e ficamos todos confinados, os novos proprietários do terceiro direito decidem partir o apartamento inteiro em cima da minha cabeça e tenho que levar Esther, de um ano, para fazer a sesta na casa do vizinho. Os franceses não reclamam do barulho das obras.

Hoje, a configuração do prédio consiste em: três famílias americanas, duas famílias francesas, uma senhora indiana, um casal luso-alemão, uma família portuguesa e a minha, luso-brasileira.

Escrevo para não esquecer as datas.

Escrevo para fincar o corpo-fantasma que deambula pela cidade.

No ônibus 734, quando eu e uma amiga brasileira vamos com as crianças rumo à escola, duas senhoras dizem que não podemos ficar de pé, se nossos filhos estão sentados, pois ocupamos lugares em dobro. Temos que os colocar no nosso colo. Quando reajo, ela diz: Não gosta? Volta pra tua terra!

Subo no ônibus 712 com uma mala pequena em direção à estação de Santa Apolónia. Um rapaz jovem, cabelo raspado, corpo tatuado, se senta à minha frente e começa a chutar a minha mala. Peço que pare, e ele grita, com raiva: Volta pra tua terra! Saio de mim, armo um

barraco, digo aos outros passageiros, que permanecem em silêncio, que são coniventes. O motorista me expulsa do veículo.

Os franceses que vivem embaixo de mim odeiam quando as crianças correm. A francesa, filha de imigrantes portugueses, grita como nos filmes americanos quando faz sexo, mas vem à minha porta dizer que aqui não é assim que se educam os filhos. Tenho que me adaptar aos hábitos locais.

No Uber, o motorista português começa a falar mal dos imigrantes, com certo cuidado, pois já percebeu de onde vim. Eu o deixo à vontade, porque me interessa saber até onde as pessoas vão. Sigo dos Anjos até as Avenidas Novas ouvindo como os imigrantes estão a roubar o trabalho dos portugueses, como trabalham mal e estragam os serviços e a imagem de Portugal.

Meu pai repetiu a vida toda: Quando morrer, quero ser cremado. Quero que vocês joguem metade das minhas cinzas na praia de Copacabana, perto do prédio onde nasci. A outra metade, vocês dividem e guardam em casa, com o escrito: Papai. Nós ficávamos irritadíssimas e lhe garantíamos: Esquece, nunca faremos isso.

Comprei o menor dos potes em exposição no crematório do Caju e atravessei o Atlântico com ele na mala de mão. Ainda não disse aos meus filhos que o avô agora reside na nossa estante. Não quero que as cinzas do meu pai voem pela casa.

Antes do meu nascimento, meus pais viveram num apartamento em Santo Amaro, um bairro que mal conheço. Há uma sequência de fotografias na varanda do apartamento com vista para o Tejo, com a minha irmã mais velha e o meu avô paterno, que haviam passado dois anos

sem verem o meu pai, que estava clandestino, depois, exilado. Ela usa um vestido leve, solto, florido. Ele, uma camisa aos botões e calças de cintura alta. Parecem felizes.

Olhando para as imagens, um monte de perguntas me vem à cabeça: em que rua ficava o apartamento? Quanto tempo viveram lá? Por que se mudaram para as Amoreiras?

Meu pai repetia vezes sem conta histórias da sua infância, de como era Copacabana na década de 40, de 50, e sempre que dizíamos: Você já contou isso, ele retrucava: Não faz mal, ouçam de novo. Fazia muito tempo que eu tinha deixado de prestar atenção e agora penso como é terrível não se lembrar e não ter mais a quem perguntar.

Meu pai falava pouco da sua vida em Lisboa. Mais facilmente relatava suas idas à Albânia, pelo partido comunista, do que as histórias do seu tempo em Portugal. Ao contrário da minha mãe, que lamentou voltar tão cedo para o Brasil, ele não gostava de viver aqui. Era profundamente carioca, dizia que não havia lugar melhor para se viver. Nunca entendeu como eu pude trocar o Rio de Janeiro pela cidade onde nasci.

A francesa que mora embaixo de mim sempre que quer reclamar da frutaria do bairro que, segundo ela, é responsável pelos ratos e as baratas que circulam nas ruas, refere-se aos donos como *os chineses*.

O francês, quando quer reclamar da tenda que a criança americana de cinco anos colocou para brincar no jardim, diz que o prédio está virando um acampamento de ciganos.

Coisas de que gosto em Lisboa:

- Voltar para casa a pé de madrugada.
- Almoçar numa esplanada com as minhas amigas do bairro: a Susana e a Catarina, por exemplo.
- Andar de bicicleta à beira do Tejo com meus filhos.
- Comprar pão.
- Voltar da Graça caminhando, depois de deixar as crianças na escola.

- Receber crianças em casa.
- A minha casa.
- Ler numa esplanada.
- Caminhar de casa até a Av. de Berna, onde dou aulas.
- Estender a roupa no varal.
- Ver a cidade do alto. É clichê, mas eu gosto.

A caminho da piscina, passamos pelo cemitério do Alto de São João. Estou conduzindo o carro do pai dos meus filhos, o que faço às vezes, sobretudo em dias chuvosos. Esther me pergunta se, quando morrer, quero ir para baixo da terra ou virar cinza, como o avô. Hesito. Sempre gostei da ideia de me tornar alimento para outros animais, reciclar meu corpo em outras vidas, mas não gosto da tumba, do caixão, de estar num lugar feito só para isso. Preferia ser enterrada na floresta, no quintal de casa.

Penso também: ser enterrada em Lisboa ou ser trasladada para o Rio de Janeiro e voltar para perto da minha mãe? Isso dá trabalho, penso, antes de responder: prefiro ser cremada, mas sobretudo prefiro não falar sobre isso agora. Me contem, como foi o dia na escola?

Desde a morte do meu pai, começo a sentir, pela primeira vez, uma vontade de me mudar, sair da cidade, do país. Só não sei para onde.

A meio da escrita deste texto, faço uma pausa e vou até a cozinha preparar o almoço. Hoje, decidi trabalhar na mesa de jantar, de frente para a nespereira, o limoeiro, a borracheira e os prédios amarelos. Assim que abro o frigorífico, ouço o barulho da porta de vidro sacudindo e, quando olho para a marquise, a mesa com o computador está abanando. Ela vai de um lado para o outro, depois para, e eu fico estática, a pensar: a mesa balançou? Que estranho, terá sido um terremoto? Não tenho qualquer reação, e é como se eu me tornasse imaterial, como se fosse para o mundo das vozes. Estou, mas não estou aqui, nesse tremor de terra. Como se o meu prédio pudesse despencar, a cidade se tornar um monte de destroços e eu não precisasse reagir,

nem me jogar para baixo da mesa, nem sair com a mochila de emergência que não preparei, correr até o ponto mais alto, o Largo da Graça, onde, se tudo der certo, encontrarei meus filhos com as outras crianças da escola, e, juntos, assistiremos à cidade ruir.

Lisboa, 17 de fevereiro de 2025, sismo de magnitude 4,7 na escala Richter.

ISSN: 1984-4921

DOI: <http://dx.doi.org/10.18226/19844921.v18.n40.01>